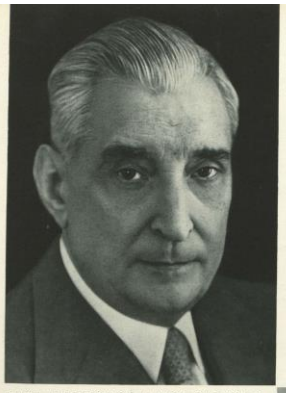
O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

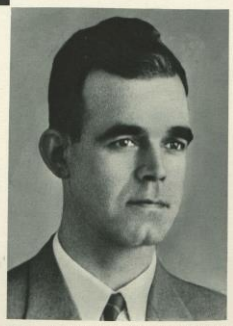
✝ BELEM = 1960

Quadro de *HENRIQUE MEDINA*

SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGESA ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS



PROF. DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR



ENG. EDUARDO ARANTES E OLIVEIRA

PALAVRAS DO PRESIDENTE DO CONSELHO

EM 1938 ao falar das Comemorações do duplo Centenário de 1940, o Sr. Presidente do Conselho, Professor Oliveira Salazar, visionou pela primeira vez a parada marítima de Sagres. E são dele estas palavras:

«É PENA QUE O MONUMENTO AO INFANTE DOM HENRIQUE NÃO POSSA SER INAUGURADO NESTA ÉPOCA E NÃO SEJA, POR ISSO, DADO ASSISTIR AO ESPECTÁCULO MARAVILHOSO QUE SERIA DESFILAREM EM GRANDE PARADA NAVAL, DIANTE DA PONTA DE SAGRES, LUZIDAS REPRESENTAÇÕES DE TODAS AS MARINHAS DO MUNDO. POR MIM NÃO JULGO IMPOSSÍVEL QUE A EUROPA, A ÁSIA E A AMÉRICA VIESSEM DA MELHOR VONTADE E COM A PRESENÇA DE BARCOS SEUS, RECONHECER NA OBRA DO INFANTE, A AMBIÇÃO E O IMPULSO DAS DESCOBERTAS E O SERVIÇO PRESTADO A MAIS ESTREITA COMUNIDADE DOS POVOS ATRAVÉS DOS CAMINHOS DO MAR».

22 anos após, ao comemorar-se o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique é ainda Salazar que escreve:

«COMPLETAR-SE-ÃO EM 1960 500 ANOS SOBRE A MORTE DE DOM HENRIQUE E O MEIO MILÉNIO DECORRIDO É POR SI JUSTIFICAÇÃO BASTANTE PARA COMEMORAÇÕES ESPECIAIS. NADA MAIS JUSTO QUE ENTRE OS ACTOS COMEMORATIVOS SE CONTE UM MONUMENTO CONDIGNO QUE CELEBRE A PESSOA DO INFANTE E A SUA OBRA. O INFANTE DE SAGRES É, NÃO SÓ UM DOS MAIORES VULTOS DA HISTÓRIA NACIONAL, COMO CERTAMENTE O PORTUGUÊS DE MAIOR PROJECÇÃO NO MUNDO. O CURSO DA HISTÓRIA E DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL NÃO SERIA O QUE FOI SEM ELE. OU, O QUE É O MESMO, SEM OS DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUESES, QUE SE DEVEM NA MÁXIMA PARTE AO SEU ESFORÇO E ENGENHO».

Assim o PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS corresponde a um pensamento superior definido. É, sem dúvida alguma, um marco que assinala, no local donde partiu, essa grande gestão oceânica, que é a nossa epopeia do Mar.

PALAVRAS DO SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS QUE FIGUROU NA MEMORÁVEL EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS DE 1940, DEIXOU NA MEMÓRIA DE TODOS UMA IMPRESSÃO SINGULAR.

OBRA DE DOIS GRANDES ARTISTAS DA SUA GERAÇÃO, O ARQUITECTO COTTINELLI TELMO E O ESCULTOR LEOPOLDO DE ALMEIDA, RICA DE INSPIRAÇÃO E IMPREGNADA DE ALTO E ENTUSIÁSTICO ESPÍRITO NACIONALISTA, NÃO PODERIA ACEITAR-SE COMO DEFINITIVA A CONDENAÇÃO A QUE A VOTOU A VIDA EFÉMERA DOS MATERIAIS ENTÃO UTILIZADOS.

ASSIM O RECONHECEU O GOVERNO AO DECIDIR APROVEITAR A OPORTUNIDADE DAS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE PARA FAZER CONSTRUIR EM MATERIAIS NOBRES A REPLICA DO PADRÃO DE 1940, PERPETUANDO ASSIM NO AREAL DO RESTELO A MEMÓRIA DO INFANTE E DOS NAVEGADORES DO MAR PORTUGUÊS, NUMA PÁGINA D PEDRA DE VALOR EVOCATIVO DIFICILMENTE ULTRAPASSÁVEL, DENTRO DO ESPÍRITO DA ÉPOCA EM QUE FOI CONCEBIDA.

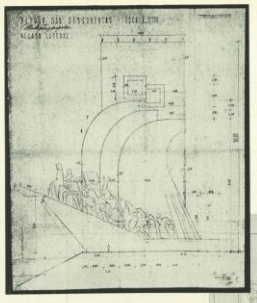
O MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS HONRA-SE DA PARTE QUE LHE COUBE NESTA RESOLUÇÃO DO GOVERNO E NA SUA EFECTIVAÇÃO, CONFIADA A PRESTIMOSA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO PLANO DE OBRAS DA PRAÇA DO IMPÉRIO, QUE DESTA TAREFA SE DESEMPENHOU, COM A COLABORAÇÃO DE ARTISTAS, TÉCNICOS E OPERÁRIOS INEXCEDÍVEIS NA SUA COMPETÊNCIA E DEDICAÇÃO.

O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS
ENG. EDUARDO ARANTES E OLIVEIRA

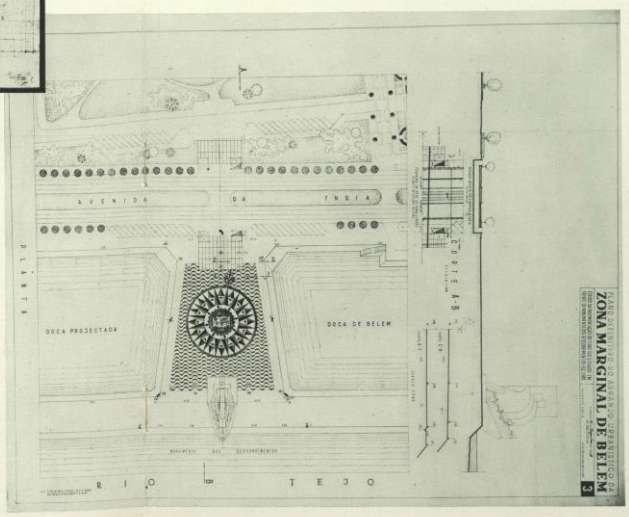
ARQUITECTO: J. A. COTTINELLI TELMO

ESCULTOR: LEOPOLDO NEVES D'ALMEIDA

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

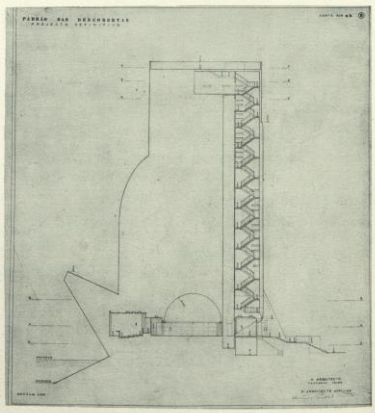


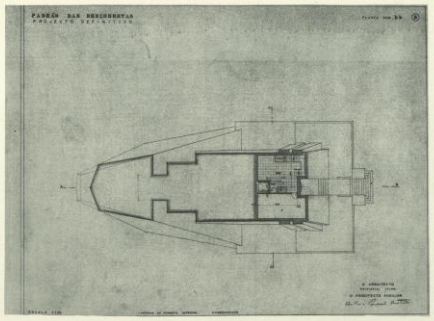
NESTA PÁGINA SE REPRODUZ, ALÉM DESTE, APONTAMENTO COTADO DO PADRÃO, QUE FOI O PRIMEIRO ESBOÇO SAÍDO DA MANCHETA DE COTTINELLI TELMO E TEM JÁ HOJE UM VALOR HISTÓRICO — O PROJECTO DO MOSAICO DO PROF. CRISTINO DA SILVA. À DIREITA FIXA-SE A DISTRIBUIÇÃO GERAL DOS ELEMENTOS QUE COMPÕEM A ZONA MARGINAL DE BELÉM, TAMBÉM DA AUTORIA DO MESMO ARQUITECTO

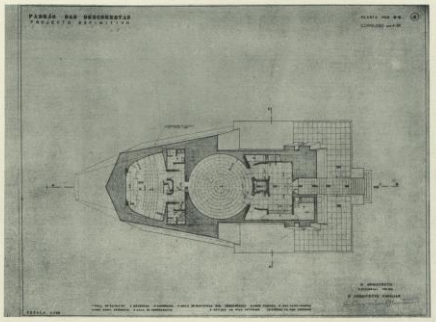


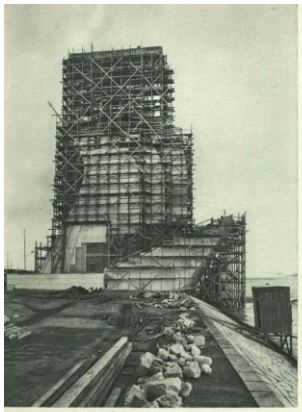
O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

REGISTA-SE NESTAS PAGINAS OS ESTUDOS E PROJECTOS DO ARQUITECTO AUXILIAR ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO QUE, POR FALECIMENTO DE COTTINELLI TELMO DEFINIU E PROJECTOU O ARRANJO INTERNO DO GRANDE PADRÃO. POR ESTE CORTE E PELAS PLANTAS DA PAGINA SEGUINTE SE PODE AQUILATAR DO QUE SERÁ FUTURAMENTE O INTERIOR DO MONUMENTO, SEU ASCENSOR, SUAS SALAS, SEUS ACESSOS, O QUE PERMITIRÁ UTILIZÁ-LO COMO UM MONUMENTAL RELICÁRIO DA NOSSA EPOPEIA MARITIMA

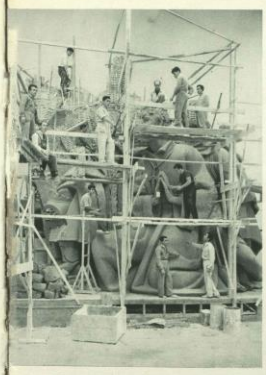


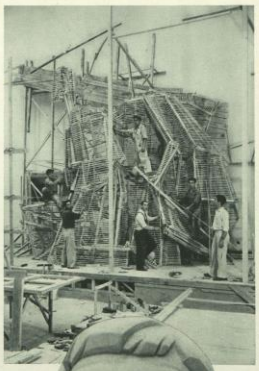






EM PLENA CONSTRUÇÃO ERGUE-SE RAPIDAMENTE, SOB A DIRECÇÃO DOS TÉCNICOS DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS





ENTRE A RÉDE DE ANDAIMES COMEÇAM A SURGIR MÁSCARAS DE NAUTAS E DE HERÓIS

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

COM MATEMÁTICA PRECISÃO, OS GRANDES BLOCOS DE PEDRA DE SINTRA, QUE AS MÃOS DE LEOPOLDO DE ALMEIDA AFEIÇOARAM, REUNEM-SE COMO A UMA CHAMADA ANCESTRAL E EVOCATIVA

ESTA É A EPOPEIA DE PEDRA ERGUIDA POR UMA RAÇA CONSCIENTE DO SEU PASSADO E DO SEU DESTINO

O PRÍNCIPE DO ATLÂNTICO

POR AUGUSTO DE CASTRO
COMISSÁRIO DA EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS DE 1940 E VOGAL DA COMISSÃO EXECUTIVA DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

DOM Henrique não foi apenas o iniciador dos descobrimentos marítimos portugueses e o precursor do grande movimento desse maravilhoso século XVI, que mudou a face da Terra. Não foi apenas o Fundador dessa escola de pensamento e de aprendizagem náutica e geográfica de Sagres, sem a qual nunca teriam existido Colombo, Vasco da Gama, Cabral, Fernão de Magalhães, o império de Albuquerque nem a epopeia peninsular.

Ele não foi apenas o maior português de todos os tempos. Foi, na realidade, o grande obreiro do Mundo moderno, o impulsionador do maior facto da história ocidental dos últimos cinco séculos.

Se a excelsa missão universalista de Portugal começa em Sagres, toda a História Atlântica nasceu nesse rude promontório português. O Infante D. Henrique é, por esse título, uma das maiores figuras da Humanidade. Foi um criador do Espaço e um modelador do Tempo.

Num momento em que, como nos fins do século XIV o século XV, o Ocidente, ameaçado, entra num ciclo novo da sua história, é no Atlântico e na sua expansão que ele procura a sobrevivência e o génio. É fácil arquitectar e formular hipóteses: «Se tal facto tivesse ou não tivesse acontecido»... São os romances da História. Mas a realidade é que a primeira expressão universal do esplendor desse mar, berço da civilização actual, que volta hoje a ser o centro do Mundo — é Sagres.

Se em algum ponto do Globo os ocidentais de hoje podem reunir-se para celebrar a apoteose do seu passado e a fé do seu futuro, se há no Mundo um sítio universal, que seja o pequeno lar comum da sua imortalidade — esse lugar é o ninho de águias, debruçado sobre o desconhecido, onde a visão obstinada, sobrenatural desse Príncipe do século XV, Hamlet do Mar, esculpiu o destino de uma civilização.

Sagres é esse passado. É o cenário de um dos maiores dramas que o génio humano tem vivido, no seu eterno duelo contra o mistério e as trevas. Mas é também a memória de um dos maiores, senão o maior Sonho que jamais iluminou olhos mortais. Nas longas noites em que as ondas batem, em espuma, as escarpas dessa língua de terra roubada ao oceano, quando o vento silva varrendo o horizonte

SURGE NO RISCO DA PEDRA DE LEIRIA O BRASÃO DAS VIAGENS E DOS REINOS QUE OS PORTUGUESES «ENTRE CENTE REMOTA EDIFICARAM».

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

povoado pelos fantasmas de outrora, ainda hoje o espectro desse Alucinado da Altura que foi Henrique passa, debruçado sobre os segredos da tempestade e da distância, rude semideus das águas revoltas e tenebrosas.

Sagres — é ele. Mar e rochas, asas das procelas, nuvens e horizonte — tudo se funde na mesma gigantesca e apocalíptica imagem em que a Terra e o homem formam uma única sombra: a do Príncipe do Mar. Não apenas a sua obra imensa, mas a sua própria carne ali — na alegria e no hino daquele cântico eterno e daquelas pedras banhadas pelo Sol e pelo Génio.

O Infante D. Henrique pertence a Portugal — que, sem ele, nunca teria deixado de ser um minúsculo reino pastoril e serrano que há muito, talvez, as intempéries teriam varrido da História. A Pátria universal e imortal que nós somos — devemo-la, quase inteira, à predestinação da sua vida e da sua obra. Das três sílabas do nome de Portugal, duas pertencem à sua glória.

Mas Henrique, o Navegador, é, mais do que português, universal. É a maior dádiva, entre todas as dádivas imorredouras que nós fizemos ao Mundo. E 1960, data em que começa, nas mãos de Deus a sua imortalidade, não pode ser apenas uma data portuguesa: é uma data humana e ocidental. Marca um padrão atlântico. Tem de ser comemorado nessa larga visão — e nessa vasta perspectiva. Seria diminuir a ínclita figura reduzi-la às simples proporções de um herói nacional. O comentário do Infante, a apoteose de Sagres — são a consagração da Universalidade Portuguesa.

SAGRES É A PÁTRIA DO ATLÂNTICO

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS OBRAS DA PRAÇA, DO IMPÉRIO, ENG.º MANUEL DE SÁ E MELO:

O Pavilhão dos Descobrimentos, erguido sobre o Tejo e em frente dos Jerónimos, se outras realizações não ficassem a assinalar, para as gerações do futuro, e V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, bastaria para que se julgasse demonstração de consciência do espírito lusitano, em 1960.

No quadro complexo das manifestações a que se assistirá este ano no nosso país, e que constituem uma eloquente lição de História, esse hino de pedra ficará, para todo o sempre, como uma das solenes orações da Pátria à memória da sua mais alta figura e às daqueles que, com ela, realizaram a epopeia assombrosa do mar, que à Humanidade ensinou como era o mundo, e que elevou Portugal a uma situação internacional de que ainda hoje se pode orgulhar.

Desde 1940 que a ideia da glorificação do Infante, tão luminosamente expressa pelo Presidente do Conselho de Ministros, constitui um dever imperativo da Nação. A Memória de Belém — sem ser definitiva consagração dos navegadores que iniciaram e continuaram o Descobrimento, é, no entanto, o primeiro grande ex-voto desse culto.

Gerações sucessivas reacenderão o facho eterno, à luz de novas vidas, enquanto, ininterruptamente, formos transmitindo o sangue sagrado que palpita nas veias destes heróis do mar. Obra de dois grandes artistas da sua época, o Arq.º Cottinelli Telmo e o Escultor Leopoldo de Almeida, com a colaboração de técnicos muito distintos, a sua realização competiu a engenheiros e a construtores portugueses de assinaldo mérito.

Não pode a Comissão deixar de prestar os seus melhores agradecimentos pelos resultados obtidos a todos os técnicos que colaboraram na realização da obra, e a eles presta a sua homenagem.

A rápida realização desta obra obrigou a colaboração duma larga equipe técnica. Poderemos agrupar assim os elementos que a compuseram:

1.º — *Autores dos estudos de estabilidade:* Os estudos de estabilidade do monumento foram efectuados pelos Professor Engenheiro Edgar Cardoso com a colaboração dos

O MESTRE ESCULTOR TRABALHA DIRECTAMENTE NO TAMANHO NATURAL AS EFÍGIES DOS SEUS PERSONAGENS

Eng.os Ruy Correia e António Abreu, tendo os dois primeiros também fiscalizado as obras de construção civil;

2.º — *Os empreiteiros:* Empreiteiro Geral — Manuel Nunes Tiago. Empreiteiro das fundações — Fundações Franki. Empreiteiro da parte de urbanização e acesso subterrâneo — Amadeu Gaudêncio. A empreitada do revestimento, bem como a reprodução em pedra do grupo escultórico do lado poente competiu à firma Pardal Monteiro, Lda., sendo o grupo de lado nascente executado pela firma José Raimundo.

Algumas características da obra: O Padrão dos Descobrimentos apresenta as seguintes dimensões gerais principais:

— altura acima do terreno	50 m
— largura máxima	20 m
— Comprimento máximo	46 m
— área de ocupação	695 m²
— Fundações — Profundidade média das estacas	20 m

O Padrão, embora à vista seja totalmente de cantaria, com as dimensões e formas com que figurou na Exposição do Mundo Português, de 1940, a sua estructura resistente é inteiramente de betão armado, formando com os paramentos um único monolito.

No seu interior existem vários pavimentos podendo o último ser utilizado por uma escada e, futuramente, como miradoiro, com acesso, também por um ascensor.

A superestrutura assenta, por intermédio duma sapata nervurada de betão armado, num sistema de estacaria do mesmo material, moldado no terreno.

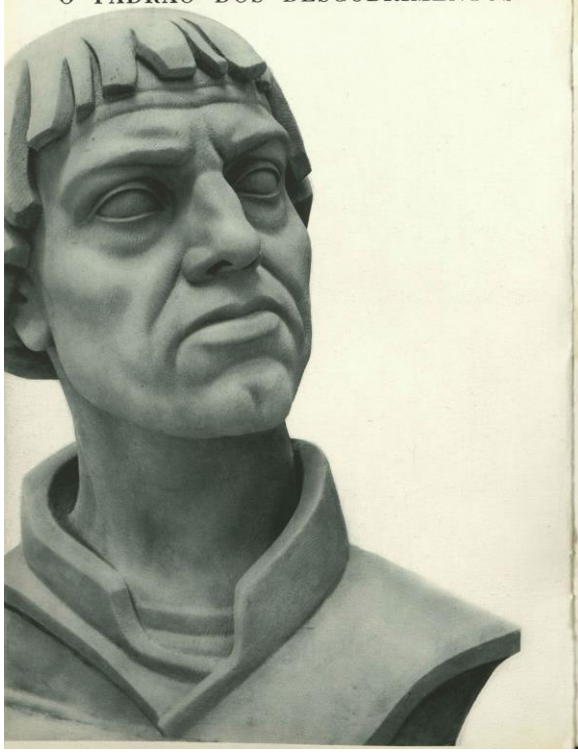
As principais unidades de trabalho foram as seguintes:

— Estacas de betão armado, moldadas no terreno, com o comprimento médio de 20 m	2.238 m
— Betão	2.150 m³
— Varão de aço	155 t.
— Cantaria na Espada e nos Escudos	60 m²
— Cantaria em forro	3.700 m²

Convém ainda acentuar o tempo em que foi executada a obra. As obras de construção civil

O INTERIOR DO MONUMENTO, COM AS SUAS INFRAESTRUCTURAS TEM ASPECTOS DESCONHECIDOS DO PÚBLICO QUE O VISITA. NA REALIDADE UMA IMENSA OSSATURA CONSTITUE O SÓLIDO ESQUELETO DUM DOS MAIORES PADRÕES DO MUNDO

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS



O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

INSPIRADAS NAS ESTÁTUAS TUMULARES, VIVEM ESTAS IMAGENS

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

tiveram o seu início em Novembro de 1958 e terminaram, pràticamente, em Janeiro de 1960, o que corresponde a cerca de 370 dias de trabalho útil.

Fizemos alguns apontamentos para uma memória sumária: O Padrão dos Descobrimentos erguido em 1940, a título precário, como marco da Exposição do Mundo Português e desmontado logo após o seu termo, tinha a altura de 50 metros e era construído na sua parte arquitectónica por uma leve estrutura de ferro e cimento e por uma composição escultórica em estafe formada por 33 figuras, das quais 32 tinham a altura de 7 metros e uma, a do Infante D. Henrique, media a altura de 9 metros.

Desde então foi sempre encarada a sua réplica em materiais definitivos. Para comemoração do V Centenário da Morte do Infante, em1960, resolveu o Governo da Nação torná-lo permanente na pedra rosal de Leiria e estruturado com betão armado. A sua localização é na margem direita do Tejo e em frente da Praça do Império — sensivelmente a mesma que teve em 1940.

Nas suas linhas gerais, o Padrão, tem a expressão arquitectónica de uma prôa de caravela, ladeada por duas rampas que se reunem nessa proa, ponto mais alto da composição escultórica e onde avulta a figura do Infante D. Henrique. Ao longo dessas rampas desfilam alguns dos maiores vultos que estão ligados directamente ou indirectamente aos Descobrimentos por obras de Ciência e de Divulgação, além dos descobridores. Sobre as velas e na direcção do eixo-posterior ergue-se um paredão decorado nas suas faces laterais pelas armas portuguesas da época das descobertas marítimas. A toda a altura da parte posterior do Padrão e sobrepujando a entrada para o seu interior, uma espada decorada no punho pela Cruz de Avis, simboliza a força das armas e da fé cristã.

Explicaram assim, os artistas creadores a sua obra: Não foi intenção dos autores do Padrão dos Descobrimentos, arquitecto Cottinelli Telmo e o escultor Leopoldo de Almeida, individualizar as figuras que constituem os grupos escultóricos que se agrupam para lá da figura máxima do Infante, pela razão de que seria impossível, sem erros ou graves lacunas, monumentalizar todos os navegadores e que, na realidade, constituem avultado número. E, tendo o Padrão o objectivo elevado de consagrar os Descobrimentos, ele teria, necessàriamente, de incluir, além de navegadores, os cartógrafos, os cosmógrafos, os guerreiros, os colonizadores, os evangelizadores, os governadores, os cronistas e os artistas.

É óbvio que para moldar esta peça e lhe dar um sentido estético com base na variedade de atitudes, expressões e trajos, houve que individualizar algumas das mais notáveis figuras, vulgarizadas por desenhos ou pinturas coevas, para assim poderem despertar no observador não só o interesse pela composição global, como também guiá-lo, pelo seu próprio conhecimento, na observação aturada do pormenor.

Também na distribuição de cada figurante dentro da composição, há um certo anacronismo de posição, propositado, para evitar uma igualdade de trajos que, a serem agrupados por épocas, tornaria o seu conjunto monótono.»

Registemos, por fim, alguns colaboradores: O arquitecto assistente, pelo falecimento de Cottinelli Telmo, bem como autor do projecto de aproveitamento interno de Padrão, é o arquitecto António Pedro Pardal Monteiro.

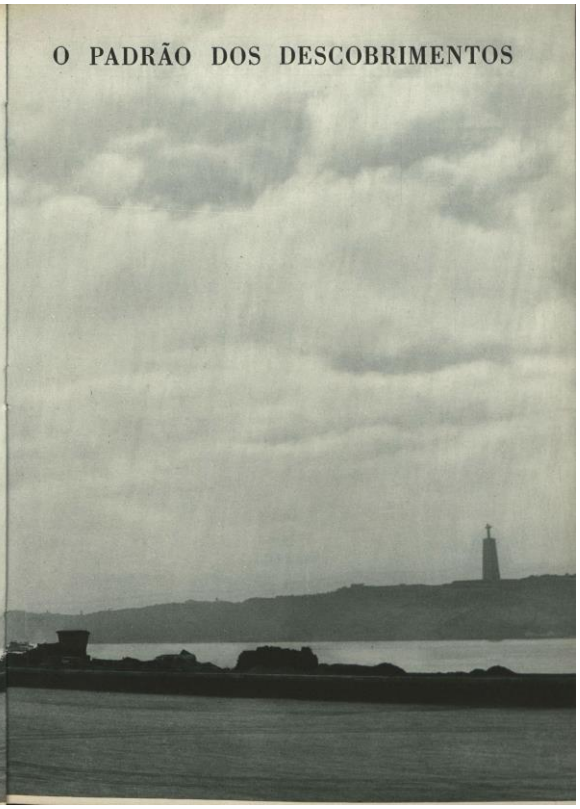
Foi o arquitecto urbanista da zona marginal de Belém, o Prof. Cristino da Silva, também o autor do projecto da esplanada adjacente do Padrão.

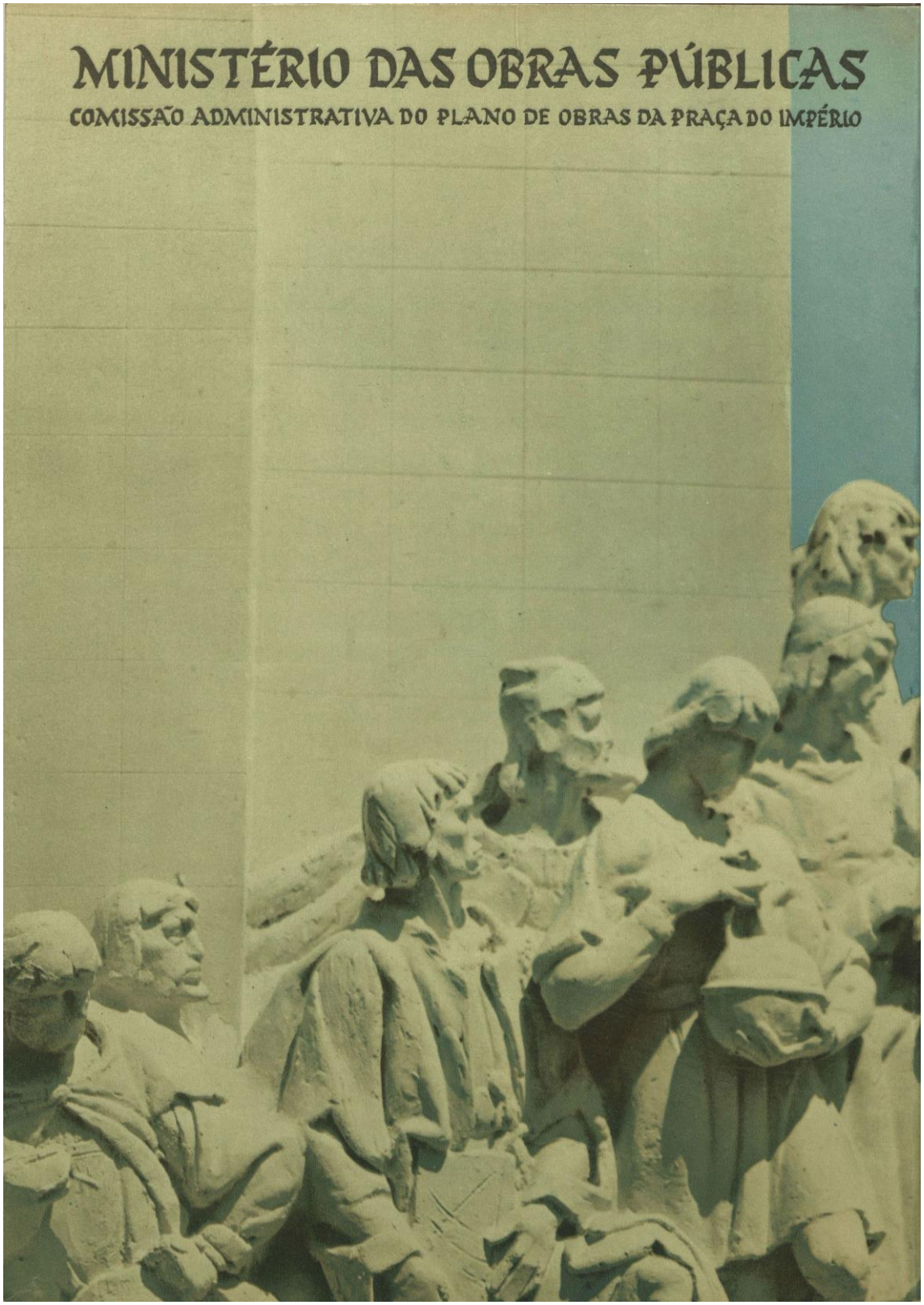
A iluminação foi realizada, sob a direcção do Eng.º luminotécnico José Carlos dos Santos.

Os modelos em gesso, executados no atelier de Leopoldo de Almeida, que teve como auxiliares os escultores Soares Branco e António Santos, foram pontendos e formados sob a direcção de António Branco e de Alfredo Henriques que tiveram como principais auxiliares os modeladores António Cândido e Carlos Escobar.

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

O PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO PLANO DE OBRAS DA PRAÇA DO IMPÉRIO